

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2002, 88 p.

Por Valéria Pereira Bastos<sup>1</sup>

Marcos Reigota é biólogo, mestre em Filosofia da Educação e Doutor em Pedagogia da Biologia pela Universidade de Louvain, e no período de 1990 a 1994, foi docente na UNICAMP, USP e na Academia Internacional do Meio Ambiente de Genebra.

Em seu livro *Meio Ambiente e Representação Social*, reuniu três artigos que foram apresentados em Seminários, Cursos, Congressos entre outros eventos no período anterior e posterior a ECO – 92.

Os três artigos estão vinculados ao processo de Meio Ambiente e suas implicações na filosofia, na psicologia, na educação dentro do contexto da América Latina.

No primeiro artigo, intitulado *Por uma Filosofia da Educação Ambiental*, procura articular paradigmas contemporâneos da ciência, da política, da psicologia e da educação, alicerçado na Teoria das Representações Sociais de Moscovici, na Teoria da Nova Aliança de Prigogine & Stengers e na Teoria da Justiça Social de J. Rawls.

Introduz sua reflexão a respeito de Meio Ambiente, procurando responder se é um conceito científico ou representação social. Esclarece que os conceitos científicos são termos universalmente entendidos, portanto ensinados internacionalmente pela comunidade científica. Já as representações sociais estão relacionadas as pessoas que atuam fora da comunidade científica, embora possam também estar presentes neste cenário.

Busca fundamentar sua posição, trazendo vários conceitos de ecólogos, geógrafos e psicólogos, a respeito de Meio Ambiente e vai também até o dicionário Aurélio, mas, não encontra definição, a nível de língua portuguesa, e passa a afirmar não existir consenso sobre o conceito de Meio Ambiente na comunidade científica.

Baseado em Moscovici, afirma que as representações sociais são originárias do senso comum que se tem sobre um determinado tema, e portanto são constituídas por ideologias, preconceitos e características específicas das atividades cotidianas, sociais e profissionais. Conclui que o processo de educação ambiental deva ter estes componentes, pois as relações são dinâmicas e interativas de constantes mutações como resultado do movimento dialético.

Calcado na perspectiva filosófica, o autor fundamenta sua reflexão, a partir do pensamento de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, denominado Teoria da Nova Aliança, que é uma escuta poética da natureza, reintegrando o homem no universo que ele observa, ou seja, esta teoria busca estabelecer com a natureza outro tipo de comunicação, um diálogo entre o cientista e a natureza, considerando que ela não é passiva nem simples, mas sim complexa e múltipla.

Recorre também a filosofia política, para o entendimento da educação ambiental, levantando questões na utopia, autonomia, cidadania e justiça social, elementos que irão constitui seu entendimento sobre o aspecto político.

Mas é em J.Rawls, responsável pela Teoria da Justiça Social, que o autor vai buscar sustentação para seu pensamento, visto que este considera o Estado um território amplo, principalmente se ele garante a distribuição de bens e justiça especialmente aos mais pobres, pois acredita que uma sociedade é justa quando os seus princípios de justiça não ferem os direitos fundamentais dos indivíduos.

Alicerçado na posição de Rawls, o autor elucida a importância da Pedagogia Dialógica, que privilegia o diálogo entre Professor e Aluno e da participação cidadã na elaboração de alternativa ambientalista, tanto na micropolítica das ações cotidianas, como na macropolítica da nova ordem mundial, enfocando que o desafio é sair da ingenuidade e do conservadorismo e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais.

O segundo artigo, intitulado *Educação Ambiental na América Latina: entre a barbárie e a pós-modernidade* é o resultado de vários encontros com professores na América Latina, onde dois temas foram de fundamental importância: Educação e Meio Ambiente.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Serviço Social na PUC-Rio.

Inicia enfocando a complexidade da América Latina, sinalizando que embora possa parecer um contexto de homogeneidade no processo de formação cultural, social, econômico e político, apresenta múltiplas características, tornando-se heterôgenea e de difícil entendimento. E exemplifica, citando a posição de Cuba com o Socialismo, a tendência militarista da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e os grupos guerrilheiros e paramilitares no Peru e Colômbia.

Para abordar a complexidade da questão, o autor subdivide a discussão em quatro temas. O primeiro, denominou de Educação para todos: exigência da modernidade, e tratou de falar a respeito da cultura e educação, baseando-se em Habermas no que diz respeito a questão da modernidade, enfocando que as características que inauguram esta fase, estão voltadas para formação de identidade nacional, as formas de vida urbana e a instrução política, mas só irá falar a respeito das duas primeiras posições.

Assim, aponta a cultura como ilustrativa, enciclopédica, pois procura refletir o acesso de uma classe ao mundo civilizado e moderno, e na educação a prioridade é pela formação dos quadros necessários à política e à economia, por um lado, e por outro, à formação de mão-de-obra necessária ao projeto de modernização e industrialização.

No entanto, chama a atenção para o surgimento da classe média urbana, enfocando que esta é consumidora e produtora de cultura de diferentes procedências e características, portanto não faz parte nem de um quadro nem de outro no contexto latino.

Faz subdivisões dos grupos representados pela elite, mas finaliza apontando a necessidade da América Latina redefinir o seu modelo de desenvolvimento e de educação, tendo em vista garantir a sustentabilidade não só dos recursos naturais, como dos seus cidadãos.

No segundo tema, Educação Ambiental, e exigência da condição pós-moderna, o autor aponta a cautela de alguns teóricos a respeito do conceito, uma vez que sinalizam ser este, apenas uma indicação bibliográfica, para referendar avanços e contra-avanços do mundo moderno

Neste contexto, acena para a questão das ideologias de consumo e as políticas neoliberais e aponta que a Educação na América Latina deva ser como denomina Serres, isto é, uma “mestiçagem” um processo que não hierarquiza o saber científico e o conhecimento popular e étnico, não separa razão e subjetividade, não quantifica o conhecimento aprendido, uma vez que o considera pessoal e intransferível.

Quanto ao terceiro tema, A questão ambiental na América Latina, procura historiar a colonização da América e situar a posição de Colombo, mas a sua análise volta-se para os recursos naturais latino-americanos, onde pela influência dos colonizadores foi baseado na monocultura agrícola e/ou exploração, até o esgotamento ou extinção dos recursos naturais.

No quarto tema, o autor nomeia os principais problemas da América Latina e aponta A Questão Nuclear e da Crise da Energia como um ponto de estrangulamento, a Metropolização como outro e por fim, sinaliza o risco de Internacionalização da Amazônia, no entanto não aprofunda os itens levantados.

Conclui considerando que esse quadro ao mesmo tempo impressionista e surrealista da educação e do meio ambiente latino-americano exige que a educação ambiental enfrente o desafio da mudança de mentalidade sobre as idéias de modelo de desenvolvimento, baseado na acumulação econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo às culturas de grupo minoritários e aos direitos fundamentais do homem.

O terceiro artigo, *Meio Ambiente e Representações Sociais e Práticas Pedagógicas*, é o resultado de um estudo realizado com estudantes de Pós-Graduação do curso de Educação Ambiental em Guarapuava – Paraná.

Reigota introduz o texto apresentando uma revisão bibliográfica, a respeito do conceito de Representação Social, e aponta Émile Durkheim, como um dos fundadores da Sociologia e o primeiro a apresentar a idéia de representação, cita Mannheim como um dos autores que embora não utilize o termo representação, se aproxima de Durkheim, porém em Moscovici é que ele vai encontrar sustentação para seu trabalho.

O trabalho de investigação foi realizado junto aos alunos da Pós-graduação, com objetivo pedagógico de registrar as representações e as práticas pedagógicas de

cada um e depois compará-las com as dos colegas, procurando identificar os pontos comuns e as possibilidades de superação qualitativa de umas e outras.

A análise do material foi feita pela técnica de análise de conteúdo, que consiste na busca de sentido contido nos conteúdos de diversas formas de textos, de maneira a permitir compreender o acesso à informação de certos grupos e a forma como esses grupos a elaboram e transmitem.

Através das respostas e análises, Reigota encontrou no grupo o que Moscovici chama de minorias ativas, isto é, correspondem à classe de indivíduos detentores de uma proposta alternativa de sociedade e que se encontram dispersos em variadas áreas de atuação.

Conclui, enfocando acreditar que as representações iniciais produzidas parcialmente pelo trabalho com os grupos, poderão fornecer subsídios teóricos e metodológicos para cursos futuros, muito embora tenha acabado o artigo antes da conclusão do estudo.

O trabalho de Marcos Reigota, fornece vastos subsídios para o início do estudo sobre representações sociais, no entanto considero o texto carregado de várias posições teóricas, sem pontuar claramente sua posição, o que remete a necessidade do leitor buscar novas obras que versam sobre o assunto, na garantia de complementar e ampliar o conhecimento.